

## Diálogos Midiológicos – 6

### Comunicação e mediações culturais

Jesús Martín-Barbero\* e Claudia Barcelos\*\*

#### Resumo

Nesta entrevista, o professor Jesús Martín-Barbero discorre sobre pontos centrais de seus pensamentos, teorias e projetos: a passagem dos meios às mediações, o papel da rede de comunicação cotidiana, a identidade cultural latino-americana e as mudanças da cultura contemporânea. Aborda o papel do Estado nas políticas culturais, a integração comunicacional e cultural da América Latina e conta partes de seu percurso intelectual, explicando as atuais pesquisas e ações nas quais está envolvido.

**Palavras-chave:** meios e mediações, identidade cultural, América Latina

#### Resumen

En esta entrevista, el profesor Jesús Martín-Barbero explica los puntos principales de sus pensamientos, teorías y proyectos: el pasaje de los medios a las mediaciones, el papel de la red de comunicación cotidiana, la identidad cultural latinoamericana y las mutaciones de la cultura contemporánea. Aborda el papel del gobierno en las políticas culturales y la integración entre la comunicación y la cultura de América Latina. Relata partes de su trayecto intelectual, explicando las actuales investigaciones y acciones en que está implicado.

**Palabras-clave:** medios y mediaciones, identidad cultural, América Latina

---

\* Jesús Martín-Barbero, pesquisador e professor espanhol, reside na Colômbia desde 1963. Entre os seus livros publicados, o de maior repercussão foi *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (Ed. UFRJ, 1997).

\*\* Claudia Barcelos é jornalista, aluna do Curso de Gestão de Processos Comunicacionais na Escola de Comunicações e Artes da USP. Originalmente, esta entrevista foi conduzida por ela para transmissão no programa *Sintonia CBN*, da rádio CBN São Paulo, em 13 de maio de 2000. A edição do conteúdo da entrevista esteve sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Immacolata Vassallo de Lopes, da ECA-USP. A tradução do espanhol foi feita por Sílvia Rojo Santamaria.

## Abstract

In this interview, professor Jesús Martín-Barbero explain central points of his thoughts, theories and projects: the passage from the study of media to the study of mediations, the paper of the daily net communication, the Latin-American cultural identity and the mutations of contemporary culture. He also deals with the State's role in cultural politics and the comunicacional and cultural integration of Latin America. He also relates part of his intellectual trajectory and explains the current researches and actions that he is presently involved with.

**Keywords:** media and mediations, cultural identity, Latin America

**Claudia Barcellos** – *Qual é o compromisso intelectual que o senhor tem com a identidade e com os estudos da comunicação e da cultura na América Latina?*

**Martín-Barbero** – Minha aproximação com o estudo da Comunicação se produziu depois de viver cinco anos na Colômbia. Quando voltei, depois de fazer o doutorado em filosofia em Paris, entrei no campo da Comunicação, por certo interesse, pois eu já havia trabalhado com ela na minha tese de doutorado... Mas, sobretudo porque estava e estou convencido de que é uma área estratégica, não só para a dominação da América Latina, para o imperialismo cultural, como, na minha concepção, para um terreno estratégico de emancipação, de liberação. Minha aproximação foi sempre problemática, porque eu não vinha da profissão de comunicador. Não era jornalista, não era publicitário, nem vinha de nenhuma faculdade de Comunicação. Eu havia feito uma tese de doutorado sobre o pensamento latino-americano, que foi muito polêmica, porque eu citava, na mesma página, grandes filósofos europeus e novelistas latino-americanos. Eu diria que, de alguma maneira, entrar no campo da Comunicação me permitiu ter uma projeção latino-americana que eu já tinha na minha cabeça e que pude vivê-la rapidamente. Quando comecei a fazer pequenas investigações, não foram sobre os meios. Comecei investigações sobre como as pessoas se comunicam numa feira de bairro, a diferença de como se comunicavam num supermercado, como se comunicavam num cemitério mais popular e num cemitério com jardins. Eu estava ensinando, como professor, para meus alunos, autores importantes desse tempo, como Umberto Eco, Roland Barthes... Mas eu sempre parti do ponto que a comunicação não era apenas os meios e que, para a América Latina, era muito mais importante estudar o que acontecia na igreja aos domingos, nos salões de baile, nos bares, no estádio de futebol. Ali estava realmente a comunicação das pessoas. Não podíamos entender o que o povo fazia com o que ouvia nas rádios, com o que via na televisão, se não entendíamos a rede de comunicação cotidiana. De alguma maneira, isso resultou numa coisa nova, e logo comecei a viajar pela América Latina e sentir cada vez mais que não era espanhol e nem colombiano, era latino-americano.

**Claudia Barcellos** – *O senhor muda o foco dos estudos comunicacionais justamente dos meios – porque grande parte da pesquisa de comunicação incidia sobre os meios especificamente – para as mediações. Eu gostaria que o senhor explicasse no que consiste esse conceito inovador que o senhor traz, o conceito da mediação cultural.*

**Martín-Barbero** – Para mim, vendo o que eu via na América Latina, na Colômbia principalmente, era impossível entender a verdadeira impor-

tância que os meios tinham na vida das pessoas se não estudávamos a vida dessas pessoas. Eu, desde o começo, por intuição, me opus à visão hegemônica, norte-americana, de estudar os efeitos dos meios. Eu não negava a importância dos meios, mas dizia que era impossível entender a importância, a influência nas pessoas, se não estudássemos como as pessoas se relacionavam com os meios. O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. Não havia exclusivamente um indivíduo ilhado sobre o qual incidia o impacto do meio, que era a visão norte-americana. Tínhamos que deixar as crianças ilhadas, na frente da televisão, e ver como reagiam. Essa é a visão de Pavlov, do estímulo-resposta. Mediação significava que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana. Era essa espessura da cultura cotidiana, que, para mim, na América Latina, era muito rica. Eu aprendi rápido que certamente, nos Estados Unidos, é possível que os meios tenham um impacto muito forte na vida das pessoas, porque muitas das formas comunitárias de solidariedade, de convivência, que ainda existem na América Latina, nos Estados Unidos já não existem, ou não existiram nunca, não sei. É certo que há gente que se desespera quando um personagem de uma tira cômica desaparece, gente que se suicida, porque não pode viver sem esse personagem. Eu entendo isso nos Estados Unidos. Mas, na América Latina, acho que ninguém se suicida porque o personagem de uma tira cômica desaparece. Nesse sentido, o que eu estava afirmando desde o começo era isso: a vida festiva, lúdica, familiar, religiosa, que é muito densa na América Latina. Então, tentar medir a importância dos meios em si mesmos, sem levar em conta toda essa bagagem de mundo, da vida, da gente, é estar falsificando a vida para que caiba no modelo dos estudos dos meios. Eu nunca neguei a importância dos meios, mas essa importância tem que ser pensada. Eu escrevi, posteriormente, por entender e para explicar que os meios influem, mas conforme o que as pessoas esperam deles, conforme o que elas pedem aos meios. Eu tenho um exemplo bem claro: uma coisa é o intelectual que não tem televisão, senão num móvel, guardada, e a liga para assistir a um programa de ópera ou uma hora de teatro de Shakespeare, da BBC de Londres e depois a guarda. Outra coisa é a dona de casa, que liga a televisão desde que levanta até a hora em que deita, e a televisão é ao mesmo tempo televisão

e rádio, porque muita coisa ela está escutando, não está vendo. Esse é o sucesso da telenovela, sobretudo da novela mexicana, porque a telenovela mexicana ou venezuelana, a maioria das pessoas não vê, apenas ouve. As pessoas contam, um personagem ao outro. Então a gente pode estar assistindo uma telenovela sem estar olhando, só ouvindo. Como posso dizer que a televisão tem a mesma influência para este intelectual e para esta dona de casa? É impossível! Então, para falar da influência, tenho que estudar os modos de relação das pessoas com o meio, e esse modo de relação tem muito a ver com o grau de educação escolar, se em casa há uma vida familiar intensa ou não. Por exemplo, a Igreja Católica estava pondo a culpa na televisão porque a família estava se desagregando. Eu fiz várias pequenas investigações em Cali, onde eu vivi 20 anos, e sempre encontrávamos o seguinte dado: quando em uma família há conflitos e eles não querem falar entre si, a televisão servia de desculpa para não falar. Mas quando as pessoas se amam e têm uma vida intensa, e respeitam as opiniões de todos seus membros, a televisão fortalecia o debate familiar. É mentira que a televisão faça isto ou isto, depende de para que as pessoas estão ali. Onde o casal não tem o que dizer, porque não se ama e é uma comédia, a televisão serve pelo menos para que não arranquem os cabelos.

**Claudia Barcellos** – *A recepção dos conteúdos dos meios de comunicação, inclusive essa recepção que nossos ouvintes fazem agora, no momento do nosso diálogo, é individual, isto é, cada um recebe de um modo diverso?*

**Martín-Barbero** – Há uma história pessoal, mas muito daquilo que escutamos, nossos gostos, nossas concepções do mundo, não são individuais, são coletivos. Tem a ver com a classe social, com grupo familiar, tem a ver com a região da qual procede ou onde vive, elementos raciais, elementos étnicos, idade. Os jovens não ouvem rádio como ouvem os adultos. Eu penso que há uma maneira individual, mas essa maneira individual está impregnada, moldada, por uma série de dimensões culturais, que são coletivas.

**Claudia Barcellos** – *De que modo os meios de comunicação podem servir à transformação social ou à manutenção da situação como ela está, com as imensas desigualdades sociais existentes, por exemplo, em toda América Latina?*

**Martín-Barbero** – Como dizia, vou aplicar minha própria teoria: eu não acredito que os meios tenham uma grande influência para mudar costumes, para mudar juízos. Há coisas que toda vida social está reproduzindo continuamente.

Um meio ilhado, levado ao contrário do que configura a ideologia dominante, à concepção hegemônica, aos costumes da maioria, sua capacidade de incidir é muito pequena. Para mim, existem dois planos: o dos meios comerciais, que ajudaram a mudar certos comportamentos. Por exemplo, o rádio, na Colômbia, ajudou no controle de natalidade. Em um dos países mais católicos, com uma das igrejas mais reacionárias, mas beatas, menos modernas, contra tudo isso, a Colômbia é um dos países que teve um maior controle de natalidade na América Latina. Isso foi, em grande parte, por programas de televisão, que mostravam que o casal não tinha porque ter todos os filhos que Deus mandasse, que isso era uma opção de cada um. Eu diria que, muitos costumes, por exemplo a legitimação do divórcio (houve questões fortes que num período de tempo) o rádio e a televisão, sobretudo, que são os que realmente influem sobre a maioria que lê pouco, ajudaram a modernizar o país e a mudar certos costumes atávicos. Eu diria que mesmo com todos os estereótipos que existem, os meios ajudaram, ao menos nos últimos anos, e pelos tipos de programas. Eu diria que há certos planos nos quais os meios comerciais estão limitados, condicionados, por uma coisa tão respeitável, um bom negócio, que qualquer mudança que ponha em perigo o negócio, essa mudança não passará pelo meio, passará de uma maneira totalmente neutra, neutralizada, deformada. Há outro fenômeno, que acredito que neste momento seja importantíssimo, que tem a ver com estarmos vivendo lentamente uma reinvenção da democracia. Continuaremos precisando de partidos políticos, hoje em dia está surgindo uma consciência cidadã, que está possibilitando solidariedade, que está possibilitando associações, agrupamentos de múltiplos tipos, que estão desempenhando um papel muito importante, os meios comunitários, os meios locais. A Colômbia tem uma rede de emissoras de rádio, locais, comunitárias, populares, como você quiser chamar, esplêndida, dentro das cidades, em pequenos povoados. Inclusive, há um projeto do Ministério de Cultura sobre essa rede. Hoje, eu diria que não se pode pensar na transformação do país sem pensar nessas novas formas de transformação política. São políticas, embora não tenham a inscrição ideológica de um partido, porque justamente o questionamento de um partido é incapaz de perceber o que maioria do povo está passando. Eu estou falando da Colômbia.

**Claudia Barcellos** – *O senhor poderia falar sobre como a comunicação que se conveniona chamar comunicação de massa é vista hoje, diante a importância fundamental que adquire nesse final de século? A comunicação se origina na cultura?*

**Martín-Barbero** – Acredito que a mudança começou com a produção de cultura, assim como eu, que comecei afirmando o lugar dos meios, nos estudos dos processos de comunicação, de uma forma que os meios não fossem o ator da comunicação, mas sim um dos atores, muito importante, mas que estavam entrelaçado a outros atores também importantes. De algum modo, tivemos que mudar um pouco a noção de comunicação, para não falar unicamente da transmissão de informação, para entender que comunicação era uma missa, um grupo aos domingos numa igreja. Mesmo que não haja emissor, receptor, canal. Em um casal se beijando há uma profunda comunicação e ninguém está conversando. Num baile, as pessoas se comunicam através do corpo. Então, teve que se mudar a noção de comunicação para poder mostrar um pouco nossa realidade latino-americana, não só em meio à miséria social, mas, também, em meio à riqueza da vida. É aí que aparece a riqueza cultural. Afirmamos que cultura não é apenas o que a sociologia chama de cultura, que são aquelas atividades, aquelas práticas, aqueles produtos que pertencem às belas artes e às belas letras, à literatura. Há uma concepção antropológica de cultura que está ligada às suas crenças, aos valores que orientam sua vida, à maneira como é expressa sua memória, os relatos de sua vida, suas narrações e também a música, atividades como bordar, pintar, ou seja, alargamos o conceito de cultura. Pensar naquela noção que servia para chamar o povo de inculto, como se não ter a mesma cultura da elite fosse não ter cultura. Então, começamos a dizer que há culturas diversas, são diversas por causa das regiões, por causa da história, por causa das idades, dos gêneros, no homem e na mulher, porque há uma diferença cultural muito grande que determinou que a mulher se dedicasse a uma coisa e o homem a outras. Isso é cultura, seja bom ou mau. Com uma noção de cultura diferente, começamos a entender que, se era cultura que estava dentro da vida cotidiana, cultura não era só quando eu ia ao cinema ou ao teatro, mas também quando eu convivo, ou estou reproduzindo os costumes do meu avô, ou estou rompendo com esses mesmos costumes. A juventude está vivendo uma ruptura cultural grande hoje em dia. Os adolescentes vivem uma ruptura generalizada, quem sabe uma das maiores da história, e não dá para entender essa ruptura sem a presença dos meios, a presença da publicidade, sem a presença das novas tecnologias. Para mim, o mais importante é compreender que, hoje em dia, não somente aparecem novos aparelhos – porque quando surge uma nova tecnologia como o computador, internet, vídeo-games, satélite, tudo que está aparecendo – não são só aparelhos, são novas linguagens, novas formas de

perceber, novas sensibilidades, novas formas de perceber o espaço, o tempo, a proximidade, as distâncias. Muita gente, de pequenas cidades, sente-se mais próxima hoje do apresentador de televisão do que do seu vizinho, pois existe outro modo de estar com o apresentador, que não é pela presença física. Começamos a entender que, se olharmos a cultura a partir da vida cotidiana, que mistura tudo, o cinema, a dança, a música, está tudo junto, então eu entendo que existem determinadas tecnologias, determinados meios, que estão transformando a sensibilidade e os modos de expressão e assim passamos a um outro nível de cultura. Estamos falando de cultura, não em termos de cultura de elite ou cultura popular, estamos falando de mudanças culturais. Eu acredito que o mundo, ocidental pelo menos, está vivendo uma mudança cultural e que as novas tecnologias têm um papel muito importante. Temos que entender essa questão profundamente, não usarmos só termos otimistas, achando que isso vai ser a salvação do mundo e que nossos problemas econômicos e sociais vão ser resolvidos com computadores. Mas, também, sem a visão negativa, que estamos a ponto de ser destruídos por Frankenstein, “agora o monstro acaba conosco”. Isso é importante: falar de meios de comunicação, falar de mídias eletrônicas, tem a ver com algo importante, estas tecnologias estão trazendo mudanças de sensibilidade na estrutura de produção. Essa é a mudança. Viemos de uma sociedade industrial em que a máquina era muito importante, mas a mão de obra era tão ou mais importante. Hoje em dia, as transformações tecnológicas da fábrica, da organização do trabalho, da distribuição dos produtos, nos mostram uma transformação brutal. O mais valioso não é a força dos músculos, e sim o conhecimento e a capacidade de transmitir essas novas linguagens. Isso aparece no meu trabalho. Atualmente eu estou juntando cada vez mais, não só comunicação e cultura, mas educação. É fundamental pensar a reação da educação com as transformações na formas de comunicar, com as transformações na sensibilidade dos jovens. Eu hoje vejo um drama, porque o sistema de educação na América Latina dá as costas ao que está acontecendo em relação às novas sensibilidades.

**Claudia Barcellos** – *O senhor poderia dar um exemplo?*

**Martín-Barbero** – Eu explico: hoje em dia, uma escola acha que é moderna se tem um computador, se tem videocassete, porém não sabe o que fazer com isso, não entende que a nova cultura não vem desses aparelhos, vem das crianças, dos adolescentes. Não entende sequer que o computador possibili-



taria um novo aprendizado, que não pode ser ensinado com o livro. Precisamos do livro, sobretudo para que as pessoas saibam ler criticamente, analiticamente, porque sem isso não poderão usar as novas tecnologias. O que quero dizer é que nossas escolas são tão tolas que não entenderam que existem muitos jogos para computadores que poderiam ajudar enormemente na aquisição de destrezas lógicas, matemáticas. Por que digo isso? Porque usam o computador para passar os trabalhos a limpo, só para digitar, não usam para pensar, para analisar essas novas linguagens, que têm a ver com novos modos de conhecimento. Então, aqui as coisas são mais complexas, porque entra a questão do sistema educativo, que não leva em conta os meios, e os usa de uma maneira instrumental, usamos a televisão para ilustrar o que disse o professor. A verdade está no texto escrito, a verdade está no que o professor disse. Outra etapa da importância cultural dos meios e dessas novas tecnologias é politicamente estratégica.

**Claudia Barcellos** – *O que o senhor pensa a respeito das políticas culturais que são praticadas hoje na América Latina?*

**Martín-Barbero** – Neste momento eu estou trabalhando com duas organizações internacionais em vários projetos de políticas, como repensar as políticas culturais na América Latina. Um com o Banco Interamericano de Desenvolvimento, o BID, e outro com a Sociedade Geral de Autores da Espanha. O primeiro embrião é que as políticas culturais se estenderam pouco, estão unicamente relacionadas com a alta cultura, exceto o cinema, porque o cinema já era considerado arte, mas a televisão não, o rádio não. Não havia políticas culturais de rádio nem de televisão. Estamos em uma etapa de entender que deixar os meios de massa com a culpa pelo ócio do povo é muita irresponsabilidade. A maioria das pessoas, nos países em que foram feitas pesquisas sobre consumo cultural, dedica uma quantidade de horas, inclusive na classe burguesa, rica, a quantidade de tempo dedicada a revistas, rádio, televisão, computadores, jogos, é maior do que nunca. O que o Estado pode pretender, agindo como se isso não pertencesse ao Estado, pertencesse ao mercado? Estamos diante de um problema grave, um problema nacional, um problema de cada país, pois o que está acontecendo é uma degradação dos meios. Quer dizer, a maior competência técnica apregoada pelo mercado, pelo privado, não está trazendo maior diversidade de oferta, traz um barateamento do que se produz, traz produtos mais baratos, mais superficiais, menos inovações audiovisuais. A Europa, que tinha uma

tradição, sobretudo em televisão, cinema públicos, o que é a televisão hoje na Europa? É de chorar, na maioria dos países, incluída a própria Inglaterra, que tinha uma história de televisão cultural séria.

**Claudia Barcellos** – *Como a história da BBC?*

**Marín-Barbero** – Como a BBC, que cunhou essa idéia inglesa de cultura comum, que rompia com a oposição da cultura popular, uma cultura que representava o gosto da maioria. Aqui estamos diante de um processo de degradação cultural dos meios de massa e o melhor que é produzido não chega às pessoas que não têm dinheiro para pagar televisão por assinatura, televisão a cabo. Temos, na Colômbia, tevê pública e privada que cada vez é pior, era muito melhor anos atrás, e um grupo de gente que cresceu nos últimos anos, mas que continua sendo minoria, que tem uma parabólica ou tevê a cabo. Estamos afundando a divisão social, porque quem tem dinheiro assiste aos programas que lhes interessam dos 114 canais da *Direct TV* ou *Sky*, e os outros têm que ver todo dia a mesma coisa, cada vez mais desastrosa. Então, por outro lado, há um problema sério, que é o que eu estou trabalhando com essas organizações. Como fazer para que o que se escreve em uns países possa chegar aos outros, para que o cinema possa chegar? Na América Latina não podemos nem ler as revistas, nem ver o cinema, e na televisão só há as novelas. Eu dediquei muitos anos estudando as novelas e fui um dos primeiros, na América Latina, a falar da importância cultural da novela. Meus companheiros, professores, ficaram loucos, disseram que eu estava louco. “A importância cultural dessa basófia que era a telenovela!”. No entanto, eu estou escandalizado que o único produto cultural que passe de um país para outro seja a telenovela. Existem muitos outros programas que deveriam estar, ao menos, nas emissoras públicas, culturais, deveriam estar passando essas produções de outros países. Há outra coisa fundamental: a integração latino-americana será cultural de maneira séria ou não será nem comercial, porque há um desconhecimento muito grande. É um escândalo que os jornais na Colômbia sejam muito, muito piores, que os da CNN, coisas que eu descubro que estão acontecendo na Guatemala, na Bolívia, através da CNN, às vezes até com certa dignidade, com seus estereótipos, com o que você quiser, mas há um mínimo de informação. Enquanto em nossos jornais isso não existe, a não ser quando ocorre um terremoto, um massacre. Senão, um país latino-americano não existe para o outro. Eu acho que aqui existe um jogo entre a política cultural de integração latino-americana, sem a qual estes países não têm futuro como países, se não se integrarem. Eu

digo que é fundamental que os Estados comecem a pensar em alianças estratégicas com empresas da América Latina. A visão que temos hoje é que a possibilidade de que tenhamos meios próprios latino-americanos, redes próprias latino-americanas, que permitam apresentar o melhor da produção de cinema, o melhor da produção de televisão, vai acontecer na medida em que se formem alianças com produtoras independentes, com o terceiro setor, com fundações, ONGs, que têm muito o que dizer sobre isso e que estão fazendo muitas coisas também. Na Colômbia, há mais ou menos 500 canais de televisão que são clandestinos e que são das pessoas, nos pequenos povoados, nos bairros, das cidades, são transmitidos por satélite, ignoram o direito de propriedade, nesse caso com muita razão, porque os Estados não possibilitam isso. Eu acho que aqui existe um grande desafio para as políticas culturais de comunicação, porque não vão fazer política dos meios, não é mais possível, porque a globalização não deixa, mas há um mínimo de alianças entre Estados e empresas para criar um mercado áudio-visual latino-americano. Por que eu só posso ver o cinema brasileiro que recebe prêmios nos EUA, cuja circulação é feita por uma distribuidora norte-americana? Como é possível que a América Latina não possa ter suas próprias distribuidoras? Não estou dizendo que sejam criadas pelo Estado, mas que o Estado saiba fazer alianças estratégicas, como fazem as empresas privadas. Fazer alianças com os Estados, com as ONGs, com as organizações independentes. Na Colômbia, o pouco cinema que assistimos que não é norte-americano vem de duas pequenas distribuidoras independentes. São duas ONGs, que trazem filmes da França, do Irã, que assistimos em pequenas salas. Isso poderia ser feito de outro modo, para que realmente tivéssemos integração cultural com as possibilidades que a América Latina tem e que estão sendo completamente destruídas, em grande parte, por puro interesse comercial.

**Claudia Barcellos** – *Professor Jesús Martín-Barbero, o senhor veio ao Brasil desta vez para seminários na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Quais foram os temas abordados?*

**Martín-Barbero** – Eu estive também em outra instituição, uma organização latino-americana, em que há formação cultural de líderes de pastorais cristãs e de outras religiões, onde ministrei um seminário sobre como entender as mudanças culturais. Na PUC, participei de seminários em três tardes, sobre o que eu falava agora no final: as transformações no campo do saber e do conhecimento. Enfoquei as mudanças em relação aos territórios, ao local, ao urbano, ao global. Também falei sobre as

tecnologias no seu entorno, na sua descentralização, tanto no conhecimento, no saber, quanto nos territórios. Na USP, fiz conferência sobre como entender porque os meios se tornaram muito mais importantes, sobretudo com as novas tecnologias, e entender a relação deles com as mediações, hoje em dia, e com as novas mediações que estão surgindo. Neste momento não se pode entender as mudanças e as maneiras como os meios estão introduzindo pautas de novas condutas, sem entender as mudanças que estão acontecendo nas instituições: as formas de socialização, a sociabilidade na família, até as turmas de adolescentes, de jovens, as provas da escola, as provas da família, sem entender as transformações que passam pelo que chamam, na antropologia, de rituais. Por exemplo, como a comida já não é mais um ritual celebrado pela família patriarcal – e tem gente que põe a culpa no McDonald's, que estaria acabando com a nossa cozinha brasileira ou nossa cozinha colombiana. Mentira. São mudanças de longa data, que mudaram as relações dos casais, dos pais com os filhos, a jornada de trabalho, o número de mulheres que trabalham fora de casa. Quando um homem e uma mulher retornam depois de oito horas de trabalho e possivelmente com uma hora e meia de trânsito, de ônibus, não têm vontade de comemorar nada. Isso já deixou de ser uma comemoração, a comida é outra coisa quando tem um aniversário ou no fim de semana, isso é diferente. Durante a semana, foram produzidas mudanças profundas nos rituais cotidianos do lar, da comida. Esse foi o tema abordado.

**Cláudia Barcellos** – *Também aconteceu o lançamento de um livro sobre o senhor.*

**Martín-Barbero** – O livro lançado é resultado de um seminário organizado por José Marques de Melo, na Cátedra Unesco da Universidade Metodista de São Paulo, sobre meus livros, sobre meus trabalhos. De um lado participaram sete alunos de mestrado da Metodista, que trabalharam com os meus livros, e convidaram gente da Argentina, da Bolívia, do Peru. Eles apresentaram trabalhos sobre como o meu trabalho intelectual tinha a ver com as pesquisas deles, com o trabalho profissional deles. Além disso, um grupo de professores-pesquisadores de São Paulo foi convidado para falar dos meus trabalhos. É disso que o livro trata, e ainda traz também uma longa conferência que fiz relatando minha biografia intelectual.



## Quem é Jesús Martín-Barbero

Jesús Martín-Barbero nasceu na Espanha em 1937 e vive na Colômbia há 37 anos. Possui uma obra reconhecida internacionalmente e sua influência se estende por diversos campos de estudo em virtude de seu caráter eminentemente transdisciplinar.

É um dos mais destacados teóricos e pesquisadores da Comunicação, onde tem firmado um conjunto de contribuições que vai das teorias da linguagem, à filosofia, passando pela história, estética, política, educação e cultura. Com ele, a designação “estudos latino-americanos de comunicação” passa a ter uma marca distintiva demonstrada através da importância das práticas e processos comunicativos dentro dos marcos da modernidade cultural e econômica de nossos países.

Entre outras atividades, criou e foi diretor do curso de Ciências da Comunicação da Universidade del Valle em Cali (Colômbia), foi fundador e presidente da ALAIC – *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación*, professor da Cátedra UNESCO em Barcelona e professor visitante em inúmeras universidades. Atualmente é assessor de projetos em Comunicação e Política da Fundación Social de Bogotá.

É autor de inúmeros artigos, coletâneas e livros, entre os quais: *Comunicación masiva: discurso y poder*. Quito: Ciespal, 1978; *De los medios a las mediaciones*. Barcelona: G.Gili, 1987; *Procesos de comunicación y matrices de cultura*. México: G. Gili/Felafacs, 1989; *Televisión y melodrama*. Bogotá: Tercer Mundo, 1992; *Pré-textos. Conversaciones sobre la comunicación y sus contextos*. Cali: Univalle, 1995; *Proyectar la comunicación* (com Armando Silva). Bogotá: Tercer Mundo, 1997; *Dos meios à mediações*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997; *Los ejercicios del ver* (com Germán Rey). Barcelona: Gedisa, 1999.



*Vinte anos de Ciências da Comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas*, coletânea organizada por Maria Immacolata Vassallo de Lopes e publicada em 1999, é o nono volume da Coleção INTERCOM de Comunicação. A obra promove uma completa avaliação dos 20 anos de Ciências da Comunicação no Brasil, por meio de três autores marcantes nos estudos brasileiros e

latino-americanos de comunicação – Armand Mattelart, Jesús Martín-Barbero e José Marques de Melo –, e dos coordenadores de simpósios regionais e dos GTs da INTERCOM, que examinam a produção científica em diversas áreas e em suas respectivas temáticas.

No marco do Congresso Intercom 97 (Santos, SP), comemorativo das duas décadas da INTERCOM, *Vinte anos de Ciências da Comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas* acaba por traçar uma identidade viva da área como campo científico e como objeto interdisciplinar.

Publicação semestral da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom

**Preço por exemplar: R\$ 18,00**

Preencha já o cupom de pedido que se encontra no final da revista e envie acompanhado de cheque nominal para:

**Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 - Bloco B9 - Sala 2  
CEP 05508-900 - São Paulo - SP

## COMENTÁRIOS

